

O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA NA PERSPECTIVA DE PROJETOS DIDÁTICOS: OS GÊNEROS TEXTUAIS NA SALA DE AULA

Jaciane Gomes Sousa de Lima Silva¹
Valdemir Melo de Sousa²
Andréa Tenório da Silva³

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre as possibilidades de ensino da Língua Portuguesa por meio dos gêneros textuais (BAKHTIN, 1992; MARCUSCHI, 2002; DOLZ E SCHNEUWLY, 2004) ancorados na proposta metodológica de projetos didáticos (VASCONCELLOS, 2006; SAMPAIO, 2012; HERNÁNDEZ, 1998). Organizar o planejamento considerando o trabalho com projetos didáticos, em Língua Portuguesa, ou em qualquer outra área do conhecimento, pressupõe um trabalho com leitura (KLEIMAN, 2007), texto, contexto, cujo produto final reclamará familiaridade com a diversidade de gêneros textuais (POSSENTI, 1996). Um trabalho que valorize o uso da língua e se organize em torno desse uso (BATISTA, 2006), observando as diferentes situações ou contextos sociais em que esse uso ocorre, e levando os estudantes a refletirem sobre suas diversas funções, variedades e estilos. Assim, vemos que o ensino da Língua Portuguesa, na perspectiva de projetos didáticos, se apresenta como uma ótima perspectiva para o ensino dos gêneros textuais.

Palavras-chave: Língua Portuguesa, Projetos didáticos, Gêneros textuais.

INTRODUÇÃO

Vivemos numa sociedade marcada por situações de escrita e leitura, das mais diversas e complexas. Por onde passamos, percebemos marcas que estão espalhadas por toda parte e que têm significado: placas nas ruas, jornais, cartazes de propaganda, letreiros de ônibus e lojas e etc. O professor precisa saber o quanto a escrita é utilizada e o valor que ela tem onde o aluno vive, no que diz respeito aos sentidos que esses usos sociais da escrita impõem aos indivíduos. Para usar a escrita, não basta ser alfabetizado. É preciso conhecer as diferentes

¹ Mestra em Letras - Linguística - Universidade Federal de Pernambuco- UFPE, jaci.ceci@gmail.com;

² Mestre em Linguística e Ensino - Universidade Federal da Paraíba- UFPB, valmelosouza@yahoo.com.br;

³ Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional - Fundação de Ensino Superior de Olinda- FUNESO/PE, deatenorio@gmail.com.

possibilidades de organização dos textos escritos, materializados na diversidade de gêneros textuais, tendo em vista as finalidades a que se destinam.

À escola cabe ensinar os usos sociais da língua. E para que as atividades de sala de aula se aproximem dos usos sociais da língua, de forma cada vez mais significativa e não apenas meras simulações com vistas à transmissão de regras e taxonomias de gramática, descontextualizadas, o professor precisa criar situações onde ler e escrever se tornem necessidades com finalidades específicas. O ato de ler e escrever na escola não pode perder seu caráter social.

Compreendemos que o estudo das atividades de linguagem se dá por meio de textos (orais, escritos, multissemióticos) que as materializam. Esses textos são considerados unidades comunicativas e se agrupam em gêneros, "que são socialmente indexados, quer dizer, que são reconhecidos como pertinentes e/ou adaptados para uma situação comunicativa dada" (BRONCKART, 2004, p. 115).

O trabalho com gêneros busca ampliar os letramentos dos estudantes, como salientam Wells (2007) e Dolz e Schneuwly (2004), ao afirmarem que a melhor maneira de ajudar os estudantes a ler e a escrever é criando situações em que eles tenham de ler e escrever para propósitos específicos.

Para Kleiman (2007), os estudos de letramento "partem de uma concepção de leitura e de escrita como práticas discursivas, com múltiplas funções, e inseparáveis dos contextos em que se desenvolvem" (KLEIMAN, 2007, p. 4). Assim, os estudantes precisam se familiarizar com uma diversidade de textos dos diferentes agrupamentos de gêneros.

Como uma possibilidade de trabalho com os gêneros textuais, temos os projetos didáticos. O ensino e a aprendizagem de leitura, compreensão, produção de texto e análise linguística pela perspectiva de projetos, utilizando os gêneros a serviço de temáticas, coloca o professor de Língua Portuguesa numa posição de especialista nas diferentes modalidades textuais, orais e escritas, de uso social.

A sala de aula é transformada numa "oficina" de textos de ação social. Isso pode ser viabilizado e concretizado, adotando-se algumas estratégias, como enviar uma carta para um colega de outra turma, confeccionar um cartão e dar a alguém, enviar uma carta de solicitação ao prefeito, realizar uma entrevista, fruto de uma temática desenvolvida, etc. Essas atividades, além de diversificar e concretizar os leitores das produções, permitem a participação direta de todos os alunos e eventualmente de pessoas que fazem parte de suas relações familiares e sociais.

METODOLOGIA

De caráter bibliográfico e interpretativo, esta pesquisa discute a possibilidade de um ensino da Língua Portuguesa por meio dos gêneros textuais, utilizando a metodologia de projetos didáticos.

LÍNGUA E ENSINO

A língua, segundo Batista (2006), é um sistema que tem como centro a interação verbal, feita através de textos ou discursos, falados ou escritos. É um sistema que depende de uma ação linguística entre sujeitos. Sujeitos esses ativos em sua produção linguística, que realizam um trabalho que é resultado da exploração, consciente ou não, dos recursos formais e expressivos que a língua coloca à sua disposição.

Para Travaglia (2003), a língua, mais que teoria, é um conjunto de conhecimentos linguísticos que o usuário tem internalizados para uso efetivo em situações concretas de interação comunicativa e só dessa maneira deve se conceber o ensino de Língua Portuguesa

O professor que adota essa concepção interacionista não concebe a língua como um sistema fechado, mas possibilita aos alunos o contato com diversos textos/contextos em que a linguagem se faz necessária, para que o aluno aprenda a adequá-la às diversas situações do seu cotidiano, situações formais e informais, escritas e orais. Na hora da produção de um texto, há um levantamento de ideias relacionadas ao assunto proposto, com discussões que possibilitem argumentações a favor ou contra as ideias enfocadas. Como resultado temos nos textos a heterogeneidade de vozes, não a simples reprodução da palavra dita pela escola ou as palavras alheias, mas a palavra do próprio aluno.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) sugerem que o trabalho com o texto deve ser feito na base dos gêneros, sejam eles orais ou escritos. O ensino dos diversos gêneros textuais que socialmente circulam entre nós, além de ampliar a competência linguística e discursiva dos alunos, aponta-lhes inúmeras formas de participação social que, como cidadãos, eles podem ter por meio do uso da linguagem.

O ensino de Língua Portuguesa na perspectiva de um trabalho com os gêneros textuais leva a um resultado mais satisfatório quando põe o aluno, desde cedo, em contato com uma verdadeira diversidade textual. O texto, por sua vez, não é visto como um produto, mas como

um processo, como um trabalho que deve ser explorado, valorizado e vinculado aos usos sociais, proporcionando-lhe a ampliação de práticas de letramento.

A cada dia vai se tornando mais importante e fundamental que as crianças tenham contato com diversos gêneros de leitura e com diferentes contextos, para que assim possam liberar a criatividade e a imaginação. Diante disso, corroboramos com Mendonça (2008) quando esta afirma que os gêneros textuais são manifestações das práticas discursivas que se estabeleceram ao longo dos anos, para cumprir determinados propósitos comunicativos e que permanecem em mudança.

Bakhtin (1992) foi o primeiro a empregar a palavra gêneros em um sentido mais amplo, ou seja, em situações cotidianas da comunicação. Segundo o autor, todos os textos que produzimos, orais ou escritos, apresentam um conjunto de características relativamente estáveis, tenhamos ou não consciência delas. Essas características configuram diferentes textos ou gêneros textuais (ou discursivos), que podem ser caracterizados por três aspectos básicos coexistentes: o tema, o modo composicional (a estrutura) e o estilo (usos específicos da língua).

Como modalidade organizativa de se trabalhar os gêneros em sala de aula, temos os projetos didáticos que, segundo os PCN (BRASIL, 1998), contribuem muito mais para o engajamento do aluno nas tarefas como um todo, do que quando essas são definidas apenas pelo professor. A tarefa do professor é, portanto, possibilitar a mediação entre o sujeito e o objeto do conhecimento, e o aluno, como sujeito da ação de aprender, age sobre esse objeto de conhecimento.

O USO DE PROJETOS DIDÁTICOS NO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Os projetos facilitam o compromisso do aluno com sua própria aprendizagem. O objetivo é compartilhado desde o início, há um produto final em torno do qual todos se organizam. Há um planejamento, uma revisão e edição na busca de um produto final bem apresentado.

Para Vasconcellos (2006),

a maneira de se fazer o projeto pode ser fruto de uma aprendizagem coletiva, através da troca de experiências e de uma reflexão crítica e solidária sobre as diferentes práticas. É preciso compreender onde é que o grupo está, quais suas necessidades. Ou seja, na busca de mudança do processo de planejamento, o ideal é a coordenação construir a proposta do roteiro de elaboração do projeto junto com professores; se não for ainda possível, pode

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

propor, justificar mostrar como aquele roteiro pode ajudar o professor a fazer um bom trabalho. (VASCONCELOS, 2006, p.160)

As aulas de Língua Portuguesa precisam estar voltadas à vivência de situações expressivas de linguagem, que atendam às expectativas e necessidades concretas de aprendizagem dos alunos.

Como salienta Vasconcelos (2005),

o específico do educador, neste sentido, não se restringe à informação que oferece, mas exige sua inserção num projeto social, a partir do qual desenvolva a capacidade de desafiar, de provocar, de contagiar, de despertar o desejo, o interesse, a vida no educando, a fim de que possa se dar a interação educativa e a construção do conhecimento, bem como a instrumentalização, de forma que o educando possa continuar autonomamente a elaboração do conhecimento. (VASCONCELLOS 2005. p. 75)

Sendo assim, em consonância com Piaget (1973, p.18), “(...) o que se deseja é que o mestre deixe de ser apenas um conferencista e estimule a pesquisa e o esforço, ao invés de contentar-se com a transmissão de soluções já prontas”.

Como salienta Valente (1993), é necessário repensar a função da escola e o papel do professor. A verdadeira função da educação escolar deve ser a de criar condições de aprendizagem. O professor precisa deixar de ser o repassador de conhecimento e passar a ser o criador de ambientes de aprendizagem e o facilitador do processo de desenvolvimento intelectual do aluno.

É preciso formar cidadãos capazes de ler o mundo de modo crítico, através de inúmeras formas de expressão e de diferentes representações da linguagem.

A utilização de projetos para o ensino de Língua Portuguesa parece ser bem viável, pois os projetos oferecem reais condições de produção de textos escritos. Projetos didáticos em Língua Portuguesa, ou em qualquer outra área do conhecimento, pressupõem um trabalho com leitura, texto, contexto, cujo produto final reclamará familiaridade com a diversidade de gêneros textuais.

O ensino de Língua Portuguesa deve valorizar o uso da língua e se organizar em torno desse uso, observando as diferentes situações ou contextos sociais em que esse uso ocorre, e levando os alunos a refletirem sobre sua diversidade de funções, variedade de estilos e maneiras de falar.

Para Soares (2000), letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno.

Segundo Batista (2006), a língua é um sistema que se estrutura no uso e para o uso, escrito e falado, sempre contextualizado. Para tanto os alunos precisam desenvolver atos de leitura e escrita que os façam sentir prazer em ler e escrever, buscar o sentido do texto de maneira crítica e criativa, compreendendo os aspectos discursivos se apropriando gradativamente deles. A aprendizagem é desencadeada por situações nas quais o aluno pode levantar hipóteses, receber ajuda, refletir. E isso interagindo com outras pessoas.

Possenti (1996, p.20) salienta que é necessário que os alunos “leiam produtivamente textos também variados: textos jornalísticos, como colunas de economia, política, educação, textos de divulgação científica em vários campos, textos técnicos”.

Marcuschi (2002) afirma que é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum gênero, assim como é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum *texto*. Ou seja, a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual. Essa posição é adotada por muitos autores que tratam a língua em seus aspectos discursivos e enunciativos, e não em suas peculiaridades formais. Esta visão segue uma noção de língua como atividade social, histórica e cognitiva, privilegiando a natureza funcional e interativa e não o aspecto formal e estrutural da língua.

Dolz e Schneuwly (2004) salientam que o trabalho escolar, no domínio da produção de linguagem, é realizado sobre os gêneros, sendo que estes são os instrumentos de mediação de toda estratégia de ensino e o material de trabalho, necessário e inesgotável, para o ensino da textualidade.

Projetos de leitura, escrita e análise linguística, configuram-se como um conjunto de atividades que se desenvolvem em torno de um eixo temático ou tarefa prática. É uma proposta de trabalho com objetivos previamente delineados, ações planejadas, realizadas com a divisão do trabalho e avaliadas quanto ao processo e produto final que tomamos como objeto de estudo dessa proposta de projeto. Para Moço (2011), “um bom projeto é aquele que indica intenções claras de ensino e permite novas aprendizagens relacionadas a todas as disciplinas envolvidas” (MOÇO, 2011, p.52).

Conforme Sampaio (2012),

o trabalho com projetos, se bem elaborado, discutido e conduzido, pode envolver operações essenciais para aquisição do saber, gerando uma transformação qualitativa e quantitativa no desenvolvimento do aluno tanto na parte cognitiva quanto social. Para tanto, é necessário haver um propósito, o professor precisa estar ciente com o que vai trabalhar e, principalmente, que conceitos, procedimentos e atitudes pretende que o aluno desenvolva trabalhando com o projeto. (SAMPAIO, 2012, p, 9)

Segundo Hernández (1998), os projetos de trabalho não consistem apenas em estratégia curricular de ensino, mas se apresentam como uma concepção de educação e de escola, pois trata-se de uma maneira de entender o sentido da escolaridade baseado no ensino para a compreensão onde o indivíduo toma consciência do seu processo como aprendiz. Consciência essa que se estabelece em relação com a biografia e a história pessoal de cada um.

Segundo Sampaio (2012),

o projeto, quando bem desenvolvido, oferece melhores perspectivas para o aluno enfrentar as várias situações problemas com que venha se deparar. Essa é uma oportunidade para unir teoria e prática, aprimorando as várias competências que são desenvolvidas quando trabalhamos com um projeto, pois o conhecimento acontece com as trocas, as assimilações, e elaborações, tornando o aluno um ser ativo a caminho da construção do conhecimento, abrindo possibilidades de aprender e formar habilidades aliadas à cidadania. (SAMPAIO, 2012, p. 11)

Hernández e Ventura (1998), considerando a contribuição de Dewey e Kilpatrick na concepção do ensino por projetos, salientam que

os projetos podem ser considerados como uma prática educativa que teve reconhecimento em diferentes períodos deste século, desde que Kilpatrick, em 1919, levou à sala de aula algumas das contribuições de Dewey. De maneira especial, aquela em que afirma que “o pensamento tem sua origem numa situação problemática que se deve resolver mediante uma série de atos voluntários”. Essa ideia de solucionar um problema pode servir de fio condutor entre as diferentes concepções sobre os projetos. (HERNÁNDEZ, VENTURA, 1998, p. 66, 67).

Dessa forma, acreditamos que a organização do planejamento, na perspectiva de projetos didáticos, se apresenta como uma nova perspectiva para o ensino dos gêneros textuais. Aprender deixa de ser um simples ato de memorização e ensinar não é mais visto como um simples repasse de conteúdos. Todo o conhecimento é construído em estreita relação com os contextos em que são realizados, não sendo possível separar os aspectos cognitivos, emocionais e sociais, presentes nesse processo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que o trabalho com projetos didáticos pode contribuir para uma prática de ensino nas aulas de Língua Portuguesa que auxilie alunos e professores para, ao mesmo tempo em

que enriquecem seus conhecimentos sobre a língua, participem dos processos de ensino e aprendizagem dos gêneros textuais de maneira sistemática, levando à reflexão sobre os diferentes gêneros existentes na Língua Portuguesa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo, Martins Fontes: 1992.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes et al. **Capacidades Linguísticas da Alfabetização e a Avaliação**. Brasília: MEC. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação a Distância. Universidade Federal de Minas Gerais. 2006. 100p. Coleção: PRÒ-LETRAMENTO. Fascículo 1.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais – terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: 1998.

BRONCKART, J. P. Commentaires conclusifs: pour un développement collectif de l'interacionnisme socio-discursif. **Calidoscópico**, São Leopoldo, v. 2, n. 2, p. 113-123, jul.-dez. 2004.

DOLZ, Joaquim e SCHNEUWLY, Bernard. Os gêneros escolares – das práticas de linguagem aos objetos de ensino. In ROJO, Roxane Helena Rodrigues e CORDEIRO, Gláís Sales (Tradução e organização). **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho**. Porto Alegre: Artemed, 1998.

HERNÁNDEZ, F.; VENTURA, M. **A organização do currículo por projetos de trabalho**. Trad. Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

KLEIMAN, A. B. Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 32, n. 53, p. 1-25, 2007.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Â. et al. **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MOÇO, Anderson. Tudo o que você sempre quis saber sobre projetos. **Revista Nova Escola**, Edição 241, p.50-57, Abril/2011.

PIAGET, J. **Para onde vai a educação?** Rio de Janeiro: José Olympio. 1973.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas SP, Ed. Mercado das Letras: 1996.

SAMPAIO, Maria Claudia Santos **A importância de trabalhar com projetos no ensino fundamental**. Monografia apresentada ao curso de Pedagogia. Capivari - SP: CNEC, 2012. 44p.

SOARES, M. B. **Letrar é mais do que alfabetizar**. Entrevista jornal do Brasil, 26/11/2000.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática: ensino plural**. São Paulo: Cortez, 2003.

VALENTE, J. A. **Diferentes usos do computador na Educação**, in Computadores e conhecimento: repensando a educação. Campinas, Gráfica Central da Unicamp, 1993.

VASCONCELOS, Celso dos Santos. **Construção do conhecimento em sala de aula**. São Paulo: Libertad, 2005.

_____. **Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político Pedagógico**- elementos metodológicos para elaboração e realização, 16º ed. São Paulo: Libertad, 2006.

WELLS, G. La unión de las dimensiones sociales, intelectuales y afectivas de la educación para transformar la sociedad. In: ALCALDE, A. I. *et al.* **Transformando la escuela**: las comunidades de aprendizaje. Barcelona: Editorial Grao, 2006. p. 19-28.